

A DECOLONIALIDADE NA OBRA SANGUE NEGRO

FERREIRA, Gabrielli de Paula¹
CASAGRANDE, Suzana Ceccato²

RESUMO: Apesar do seu significado cultural imenso, a literatura africana ainda não tem recebido a devida atenção, especialmente nos países de Língua Portuguesa. Paradoxalmente, parece que há um movimento cultural ancestral que faz com que, na realidade brasileira, livros em idiomas como o inglês ou o francês, por exemplo, sejam mais notabilizados do que aqueles escritos em português, provenientes de países africanos. É certo frisar que ainda há, no ambiente escolar, um enorme desconhecimento e até mesmo apagamento das literaturas de Língua Portuguesa de matriz africana. Em tempos de ampla discussão sobre a necessidade de uma educação antirracista, é certo pensar que o conhecimento do legado dessas literaturas é fundamental para a promoção de uma educação verdadeiramente libertadora e inclusiva. Especialmente, no que tange à poeta Noémia de Sousa, proporcionar o conhecimento de sua vasta obra significa refletir sobre a sua trajetória de resistência e resgatar importantes elementos da história e da cultura africana, que explicam grandemente o imperialismo do colonizador. Por meio dessa perspectiva, este artigo discorre sobre a importância dessas literaturas e o quanto podem ser libertadoras aos povos subalternizados. Essa visão é percebida no decorrer da obra “Sangue Negro”, diante dos poemas da autora, é possível compreender as dificuldades do seu povo em relação à tomada de consciência de sua condição de povo ávido por construir uma história de libertação.

PALAVRAS-CHAVE: literatura africana; Noémia de Sousa; Sangue Negro.

DECOLONIALITY IN THE WORK “SANGUE NEGRO”

ABSTRACT: In spite of its immense cultural significance, African literature has not yet received the proper attention, especially in Portuguese-speaking countries. Paradoxically, there seems to be an ancestral cultural movement that causes books in languages like English or French, for example, to be more prominently featured in the Brazilian reality than those written in Portuguese from African countries. It is Worth noting that there is still a significant lack of awareness and even erasure of African Portuguese-language literatures within the educational environment. In times of extensive discussion about the need for an anti-racist education, it is certain that understanding the legacy of these literatures is crucial for the promotion of a truly liberating and inclusive education. Particularly with regards to the poet Noémia de Sousa, providing knowledge of her extensive body of work entails reflecting on her Journey of resistance and reclaiming important elements of African history and culture, which greatly elucidate the imperialism of the colonizer. Through this perspective, this article discusses the significance of these literatures and how they can be liberating for marginalized peoples. This viewpoint becomes evident throughout the work “Sangue Negro” (Black Blood), as the author’s poems allow us to comprehend the challenges her people faced in terms of becoming aware of their status as a group eager to construct a history of liberation.

KEYWORDS: African literature; Noémia de Sousa; Black Blood.

¹Acadêmica do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: gpferreira@minha.fag.edu.br.

²Doutoranda em Letras, pela Universidade do Oeste do Paraná UNIOESTE, professora do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: suzana.ceccato@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A promoção de uma educação antirracista é uma busca urgente e necessária na contemporaneidade e, para isso, a literatura desempenha um papel essencial. No atual contexto de enfrentamento ao racismo e da luta por igualdade, a literatura africana emerge como uma poderosa ferramenta para desafiar estereótipos, desconstruir preconceitos arraigados e ampliar as perspectivas de trabalho na escola. Obras como "Sangue Negro", de Noémia de Sousa (2001), adquirem um significado profundo nesse cenário, permitindo uma imersão nas narrativas e vozes do continente africano, enriquecendo o diálogo sobre identidade, história e justiça social. Explorar a obra de Noémia de Sousa não apenas contribui para o enriquecimento do repertório literário, mas também impulsiona a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de compreender a complexidade das experiências humanas e promover a mudança em direção a uma sociedade mais inclusiva.

Nesse sentido, a busca por descolonizar as práticas sociais influenciadas pela colonização exige uma abordagem profunda que vislumbre a história sob uma perspectiva de questionamento e ruptura, assim sendo, estudos voltados às decolonialidades desempenham um papel fundamental, permitindo que vozes marginalizadas sejam ouvidas. Um excelente exemplo disso reside nos poemas de "Sangue Negro", de Noémia de Sousa. A partir dessa obra, é possível desnudar a opressão e exploração que o povo africano enfrentou durante o período colonial.

Em tempos de ampla discussão sobre a necessidade de uma educação antirracista, é certo pensar que o conhecimento do legado dessas literaturas é fundamental para a promoção de uma educação verdadeiramente libertadora e inclusiva. Especialmente, no que tange à poeta Noémia de Sousa, pois proporcionar o conhecimento de sua vasta obra significa refletir sobre a sua trajetória de resistência e resgatar importantes elementos da história e da cultura africana, que explicam grandemente o imperialismo do colonizador. Por intermédio dessa perspectiva é possível discorrer sobre a importância dessas literaturas e o quanto podem ser libertadoras aos povos subalternizados, e propõe-se a analisar traços da decolonialidade presentes na obra.

Quando associado ao contexto educacional brasileiro, o trabalho com literaturas decoloniais corresponde a uma alternativa para explorar e dar voz às experiências históricas e perspectivas de sociedades ancestrais, promovendo

possibilidades para fomentar práticas de educação antirracista. Para a presente pesquisa, o referencial teórico utilizado contará com teóricos estudiosos das literaturas brasileira e africana, como, por exemplo, Antonio Candido (2006), Ki-Zerbo (2010), bem como autores que discutem a questão da colonialidade e da decolonialidade, tais como Ballestrin (2013) e Quijano (2005).

Reforçando as ideias da autora, esta pesquisa entende como essencial denunciar o impacto duradouro e abrangente do colonialismo nas sociedades colonizadas pelo processo hegemônico europeu. Assim, a decolonialidade surge como uma abordagem crítica e transformadora, com o objetivo de desfazer os efeitos da colonialidade e desafiar a dominação de perspectivas.

2 NOÉMIA DE SOUSA: REVERBERAÇÕES E ANCESTRALIDADE

Renomada poeta, também atuante como tradutora e jornalista engajada na luta pela libertação nacional, Carolina Noémia Abranches de Souza Soares é lembrada como a grande figura materna dos poetas moçambicanos. Hillary Howen (2007) relata sobre a vida da autora, nascida em Catembe, Moçambique, durante o período colonial, no ano de 1926, Carolina Noémia pertencia a uma família de comerciantes com raízes germânicas, goesas e moçambicanas. Sua mãe era filha de um alemão e de uma Ronga, descendente de uma linhagem tradicional. Os parentes da mãe de Noémia, desde os anos de 1920, desempenhavam um papel proeminente na luta pelos direitos e liberdades da população na colônia moçambicana.

Michel Laban (1998) complementa que, aos seis anos, Noémia mudou-se para Maputo e iniciou seus estudos na escola "Primeiro de Janeiro". Viver na capital de Moçambique permitiu que ela estivesse em contato com as tensões sociais e raciais que permeavam a colônia moçambicana. Com oito anos, seu pai veio a falecer e sua família precisou se mudar para Munhuana. Clara Bruheim agora viúva, precisou arranjar um emprego para sustentar seus filhos e ajudar para que dois deles conseguissem ir estudar em Portugal, o que não foi possível, as dificuldades financeiras não permitiram que Noémia estudasse em uma universidade, mas seus esforços a permitiram estudar em uma escola social onde aprendeu inglês e francês. Aos dezesseis anos começou a trabalhar como secretária em uma empresa indiana, para conseguir ajudar sua mãe no sustento da casa.

Na década de 1940, Noémia começou a frequentar a Associação Africana e a trabalhar para o jornal da associação, *O Brado Africano*, que tinha como objetivo registrar os anseios, as angústias dos “filhos da colônia”.

Resolvi escrever um poemazinho que era O Irmão Negro, e pus umas iniciais, porque não queria que se soubesse que era eu, por vergonha. Tinha para aí 19 anos. Assinei com os meus nomes que eu menos utilizava. O meu nome é Carolina Noémia Abranches de Sousa, e usava Carolina Abranches, só. E então pus “Noémia” e “Sousa”, que eram os que eu não usava. Pus N. S. E durante muito tempo julgavam que era o meu irmão (CHABAL, 1994, p. 114).

Em seu poema, denunciava a escravidão e declarava adesão à potencialidade de emancipação humana, o que gerou perturbação à sociedade pela forma como eram colocadas suas palavras. Depois de um determinado tempo, Noémia se afiliou à Associação Africana e colaborou com o jornal *O Brado Africano*, no qual ficou responsável pela página feminina, incorporando textos literários, biografias, poesias e resenhas, além de aproveitar o espaço para divulgar suas poesias, muitas delas sobre o nacionalismo africano e oposição ao regime do Estado Novo. Em 1951, mudou-se para Portugal onde iniciou seus estudos em Lisboa, trabalhou como tradutora em uma agência de notícias e colaborou com o Centro de Estudos Africanos. Porém, no ano de 1964 decidiu se mudar para França com seu marido e após quase dez anos voltou para Lisboa e começou a trabalhar em uma agência de notícias britânica, e depois para uma agência portuguesa, até sua morte, em 2002.

A poesia de Carolina Noémia de Souza é profundamente influenciada por dois elementos: a cultura negra na América e outras manifestações da Diáspora Africana. A pesquisadora Sant’Anna articula que:

Da força dessa voz não devemos esperar palavras de paz apartadas da revolta; palavras de consciência coletiva sem o mal-estar do “curioso destino” de não ser lida pelo seu povo e de ser ouvida pelos “vencedores de seu povo”, como fala Albert Memmi. Este, em seu “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, descreve a “ambiguidade linguística e cultural” do escritor colonizado, que precisa se expressar na língua do colonizador, em defesa de sua causa de legitimidade coletiva, mas, contraditoriamente, como escritor em ruptura com sua língua materna. (SANT’ANNA; 2009, p.74)

Ela também teve contato e inspiração no movimento negro cubano e na poesia do Haiti. No entanto, o conteúdo de sua poesia foi principalmente influenciado pelo

neorrealismo português, o que lhe conferiu uma perspectiva poética altamente cosmopolita. Somente em 2001, a Associação dos Escritores Moçambicanos reuniu seus poemas e publicou um volume intitulado "Sangue Negro".

Carolina Noémia faleceu em dezembro de 2002 em Cascais, Portugal.

A força poética de Noémia se traduz pelo seu declarado comprometimento com a situação histórica, política e econômica de seu país. Carla Maria (2008) ressalta que o trabalho da poetisa é constituído pela busca de valores que afirmem a moçambicanidade, pois em seus aspectos biográficos encontram-se as lutas políticas, desejos e tensões pessoais misturados com reflexões sobre a africanidade, acentuando novos caminhos para a sua poesia, mobilizando para a necessidade de tornar a literatura um espaço mais resistente e de afirmação contra o domínio repressivo colonial. Sua produção poética é introduzida em um período de grande influência como neorrealismo, sobretudo italiano, modernismo brasileiro e o movimento negritude. Pensar em suas poesias, produzidas com esses parâmetros, assumem sistematicamente um eixo central de debates, em relação ao lugar ocupado pelo poeta negro na época, levando em consideração os elos estabelecidos entre a literatura e as mudanças políticas processadas não apenas em solo africano.

Carla Maria (2008) relata que a escritora era participante ativa na luta pelo fim do colonialismo e militava diante da poesia de combate, sendo agraciada com a publicação de seu único livro de poesias Sangue Negro, editado pela associação de escritores moçambicanos após a sua morte. É por meio deste livro que pode-se encontrar uma coletânea de relatos sobre a presença da mulher em participação das reivindicações na direção de mobilização e desenvolvimento do coletivo em conquista da liberdade, registrando desejo e necessidade de liberdade.

2.1 DECOLONIALIDADE: UMA RESSIGNIFICAÇÃO SOBRE O PASSADO COLONIAL

Nos anos 1990, surgiu o coletivo Modernidade/Colonialidade, a partir de uma série de discussões realizadas em vários seminários e diálogos entre acadêmicos de diferentes instituições de ensino da América Latina. Um ponto de ruptura significativo para este coletivo, segundo Ballestrin (2013), foi o encontro promovido pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), realizado na Universidade Central

da Venezuela. O referido encontro reuniu renomados pesquisadores, dentre os quais podemos citar Walter Mignolo (2003) e Aníbal Quijano (2005). Como resultado desse encontro, foi publicada a obra "La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales," que se destaca como uma das principais contribuições do coletivo (BALLESTRIN, 2013). Desde então, o grupo consolidou-se e organizou várias reuniões que tinham como objetivo central promover discussões que abordassem tanto a teoria como a prática das implicações políticas da condição subalterna da comunidade latino-americana.

Nesse sentido, a decolonialidade é um conceito que surgiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento encerrado, reconhecendo que foi um processo contínuo, mesmo que tenha assumido formas diferentes ao longo do tempo. Por essa razão, estudiosos do tema compreenderam a importância de ampliar as categorias e conceitos adequados à realidade, como uma iniciativa para promover estudos acadêmicos dedicados a essa problematização, assim, quando se pensa em decolonialidade, recorre-se a duas grandes significações: caminho de resistência e desconstrução de padrões.

Para muito além dos limites da América Latina, é possível aplicar o conceito de decolonialidade a outras realidades histórico-culturais, como, por exemplo, a dos países africanos, os quais também se encontram marcados por um longo período de exploração e subalternidade. Exatamente por isso, este artigo pretende estabelecer o diálogo possível entre os estudos decoloniais e a sua aplicabilidade para a compreensão dos meandros das literaturas de matriz africana, especialmente as de Língua Portuguesa, representadas neste trabalho pelo conjunto poético da moçambicana Noémia de Sousa.

Os temas abordados por Noémia de Sousa são um forte questionamento ao histórico de colonização e espólio vivido durante os séculos em que Moçambique esteve sob o jugo europeu. A obra de Noémia de Sousa é ainda atravessada por questões envolvendo a condição da mulher nessas sociedades, numa tentativa de reconstruir uma história de ancestralidade silenciadas por conta dos jogos de interesse do colonizador.

De modo geral, este é o seu real conceito, porém ao se aprofundar no assunto, procurando compreender o ato, por intermédio de pessoas que viveram a decolonialidade, percebe-se que existe um mundo mais abrangente sobre isso, diante da tentativa de se dar voz e visibilidade ao movimento negro feminista. Mediante a

análise realizada sobre o poema Súplica, presente na obra “Sangue Negro”, pode-se observar a abordagem e opressão do povo moçambicano, diante de dificuldades enfrentadas diariamente, com suas dores, acerca do colonialismo e da escravidão.

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a tua lírica de xingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota—humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,
tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
mas não nos tirem a música!
(SOUSA, 2016, p. 30).

Nesse excerto, Noémia relata sobre as coisas simples, mas cheias de amor que existem em Moçambique, tirando o padrão estabelecido perante a sociedade, por intermédio dos estereótipos criados pelos colonizadores portugueses. Diante disso, a autora suplica ao colonizador, para que não tente esmagar a identidade de seu povo, tentando desconstruir o que foi implantado por seus colonizadores, reivindicando que a população guarde sempre em seus corações o que é Moçambique e o que é ser moçambicano.

Mediante a uma perspectiva crítica e de práxis decolonial, é possível compreender como os processos sociopolíticos transformam a realidade dentro e fora das escolas, perante as lutas vividas em um mundo controlado pela estrutura colonial e capitalista.

[...] com a exclusão, negação e subalternização ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados; com as práticas – de desumanização e de subordinação de conhecimentos – que privilegiam alguns sobre outros, “naturalizando” a diferença e ocultando as desigualdades que se estruturam e se mantêm em seu interior. Mas, e adicionalmente, se preocupa com os seres de resistência, insurgência e oposição, os que persistem, apesar da desumanização e subordinação. Por isso, seu projeto se constrói de mãos dadas com a decolonialidade, como ferramenta que ajude a visibilizar estes dispositivos de poder e como estratégia que tenta construir relações – de saber, ser, poder e da própria vida – radicalmente distintas (WALSH, 2009, p.23).

Nesse contexto, a população negra merece atenção especial diante das pedagogias e resistências materializadas, por se tratar de culturas que emergem as fronteiras e tencionam o diálogo sobre a reconstrução de narrativas de memórias insurgentes cotidianas.

Para Nilma Lino Gomes (2017) o movimento negro é educador e detentor de saberes construídos na luta por emancipação em um país com a mais longa história de escravidão das Américas. Desta maneira, o pensamento e a prática decolonial valida e estabelece um diálogo entre diferentes práticas artístico-culturais, podendo qualificar o processo de formação de educadores, almejando a descolonização.

Para a formação de educadores, é inevitável romper com os regimes de autorização discursiva e falar a partir de seus processos de epistêmicos, promovendo outras maneiras de aprender e ensinar. Sendo assim, analisar as contribuições da decolonialidade para a formação de educadores se remete a um novo olhar dentro das escolas, de forma que haja uma abordagem decolonial, contribuindo para as dimensões de raça, gênero, natureza e trabalho.

2.1.1 Literatura de Noémia de Sousa e a decolonialidade

Ao decorrer de toda sua obra, a autora mostra para os leitores, várias características que remetem à ideia de resistência e conscientização de valores estabelecida ao povo africano, diante do estado de escravidão. Pode-se analisar essas características no poema “Nossa voz”.

A Língua Portuguesa é algo que ficou da colonização para o povo, esse elemento serve como arma para os africanos que querem divulgar a sua arte, pois todos, garantidamente, foram resistentes à imposição cultural trazida pelos europeus. Perante esse excerto do poema, é possível analisar como é feita a colocação do branco na escrita, ele é utilizado para colorir a atitude animalesca do colonizador, pois desta maneira os negros se rendem aos seus ideais. Como forma de se inserir no meio social e colonialista, a autora compõe algumas metáforas de ataque, utilizando este tipo de linguagem, reaviva as tradições apagadas pelo discurso português, diante de uma estratégia de manutenção de sua cultura.

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assina de todos.

Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
 nossa voz ardente como o sol das malangas
 nossa voz atabaque chamando
 nossa voz lança de Maguiguana nossa voz, irmão,
 nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
 e revolucionou-a
 arrastou-a como um ciclone de conhecimento.
 (SOUSA, 2016, p. 26)

Esse conceito parte da forma pela qual a opressão estrutural impede que determinados grupos tenham o direito da fala, diante de múltiplas condições desiguais e hierárquicas que são estabelecidas, principalmente ao povo subalternizado. Noémia, diante disso, procura canalizar a voz negra feminina, sendo inegáveis as contribuições ao feminismo, demarcando a intencionalidade da escritora em desvelar o poder colonial e suas derivações de raça, classe e gênero, diante de toda a sua poesia.

Durante o período da colonização, o principal interesse dos colonizadores era referente à extração do ouro, da prata e do cobre. A exploração em Moçambique era devastadora; eles eram descriminados pelos povos de origem europeia. Por isso, as sociedades ficaram reclusas a opressão do homem branco. Diante disto, a dor e o sofrimento era tão grande que Noémia procura sintetizar em seus relatos, sendo possível fantasiar alguns conhecimentos por meio de suas escrituras.

Utilizar este tipo de literatura na escola justifica-se em uma perspectiva decolonial, definida como ação política em defesa da memória e história dos povos subalternizados, marcando a valorização da diversidade e combate ao preconceito racial epistêmico, apesar do encerramento do colonialismo tradicional, suas estruturas subjetivas persistem e se encontram intensamente enraizadas na sociedade. Segundo o filósofo Nelson Maldonado-Torres (2007), a colonialidade refere-se a um padrão de poder que se emerge com os resultados de um colonialismo moderno, se relacionando à maneira como o trabalho e as autoridades intersubjetivas se articulam entre si por meio do mercado capitalista mundial.

Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

O autor discorre sobre a urgência de começar a pensar nas experiências e margens criadas pela colonialidade e decolonialidade de poder, reconhecendo os conhecimentos de base na análise europeia, afirmando o direito afrodescendente e priorizando uma perspectiva sobre enfoque epistemológico. Walter Mignolo (2003) destaca esses conceitos como decolonialidade expressa na diferença colonial, ou seja, uma crítica da subalternização com perspectiva nos conhecimentos invisibilizados e a emergência de um pensamento em base nas categorias suprimidas pelo ocidentalismo e pelo eurocentrismo.

Pouco se fala da cultura africana nas escolas, fazendo com que o assunto se torne um desafio como prática e teoria, envolvendo sujeitos distintos, sendo cada vez mais urgente uma ordem social que se baseia na igualdade e respeito as diferenças, diante do acesso aos conhecimentos sobre a história da África e das Culturas Afro-Brasileiras, que auxiliam no processo de entendimento de razões ideológicas. Assim sendo, não se pode prosseguir o ensino somente em padrões relativos como o europeu, insistindo em desconsiderar outras culturas subalternizadas, o que se deve ser feito é levar esses conhecimentos com relevância de saberes até as escolas para que possa apresentar a sua importância aos discentes e sua função formativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, a decolonialidade é uma abordagem crítica e teórica que busca desconstruir a denominação e a exploração histórica, principalmente pelos países europeus. Assim sendo, o pensamento decolonial reconhece o processo contínuo de opressão que se manifesta nas estruturas políticas, econômicas, culturais e sociais. Essa abordagem critica a ideia de que as sociedades não ocidentais devem seguir o modelo europeu de desenvolvimento, propondo a descolonização do conhecimento e das práticas culturais, bem como a valorização das epistemologias e formas de conhecimento dos povos colonizados.

Entende-se que a busca por descolonizar as práticas sociais influenciadas pela colonização, defende uma abordagem interdisciplinar, buscando uma sociedade mais justa e igualitária. Diante da obra “Sangue Negro”, Noémia de Sousa apresenta uma visão crítica, evidenciando a opressão e exploração a que os africanos foram submetidos durante todo o período colonial.

Por meio de sua poesia, Noémia relata a diversidade e riqueza cultural do

continente africano, que por muito tempo foi historicamente marginalizado pelas potências coloniais. Desta maneira, a autora apresenta um movimento amplo de decolonialidade, buscando o conhecimento e a valorização da diversidade cultural africana. Sua obra é um importante exemplo de como a literatura pode ser utilizada como ferramenta para promover a valorização da cultura negra e a desconstrução de estereótipos.

Diante da educação, o pensamento decolonial não se limita em uma simples visão de currículo, mas exigindo uma transformação profunda na maneira em que se é pensado e praticado, chamando a atenção de todos os envolvidos no ambiente educacional para que exista um engajamento ativo, em enfatizar as necessidades de uma abordagem interdisciplinar. Em suma, a decolonialidade no ambiente escolar é essencial para criar sistemas educacionais que respeitem a diversidade, compreendendo os efeitos do colonialismo não apenas como um fenômeno histórico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, . C. de. Por um reflexão sobre a organização e representação de conceitos decoloniais na américa latina: O pensamento de Aníbal Quijano à luz da Análise de Domínio . **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 28, n. Dossiê Especial, p. 1–21, 2023. DOI: 10.5007/1518-2924.2023.e92960. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92960>. Acesso em: 1 set. 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 ago. 2023.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. pp. 13-49.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Literatura e Nacionalidade. Vega, 1994.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOWEN, Hillary. **Mother Africa, Father Marx: women's writing of Mozambique, 1948-2002**. Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.

LABAN, Michel. **Moçambique – Encontro com escritores**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998, v. 1.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la Colonialidad del Ser: contribuições al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GOMES, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. P. 127-167.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Globais, Projetos Locais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina". LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

SANT'ANNA, Jacqueline Britto. **O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, poder e subalternidade**. Kalíope, v. 5, n. 10, 2009: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/viewFile/7472/5456>.

SOUSA. Noémia. **Sangue negro**. São Paulo: Kapulana, 2016.

SOUZA, Carla Maria Ferreira. Noémia de Sousa: **modulação de uma escrita em turbilhão. África e africanidades**. Ano 1, n. 1, 2008: [http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Noemia de sousa.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Noemia%20de%20sousa.pdf)

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Lúcia (org) **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. 2009, p. 12-42